

O CRUZEIRO

Cr\$ 15,00

28 DE MAIO DE 1960

CASAMENTO DE MEG

**Govêrno funciona
em Brasília**

**Bossa Nova de
pernas para o ar**

SHELAGH Parnell veio de Londres para ser a madrinha loura da TV Brasília e assistir a uma festa nos trópicos — a inauguração da nova Capital brasileira. E ganhou presente: um belo colar de águas-marinhas.

CONHEÇA POR DENTRO

BRASÍLIA

Texto de UBIRATAN DE LEMOS

Fotos de INDALÉCIO WANDERLEY



Brasília, a bem nascida

ADAHIL, a moça bonita que estende os braços na Praça dos Três Poderes, simboliza o oferecimento de Brasília (e o seu apelo) a todos aqueles que a ajudam a construir-se. A mais nova cidade do mundo rapidamente se prepara para enfrentar, com êxito e sem percalços, a vida diária.



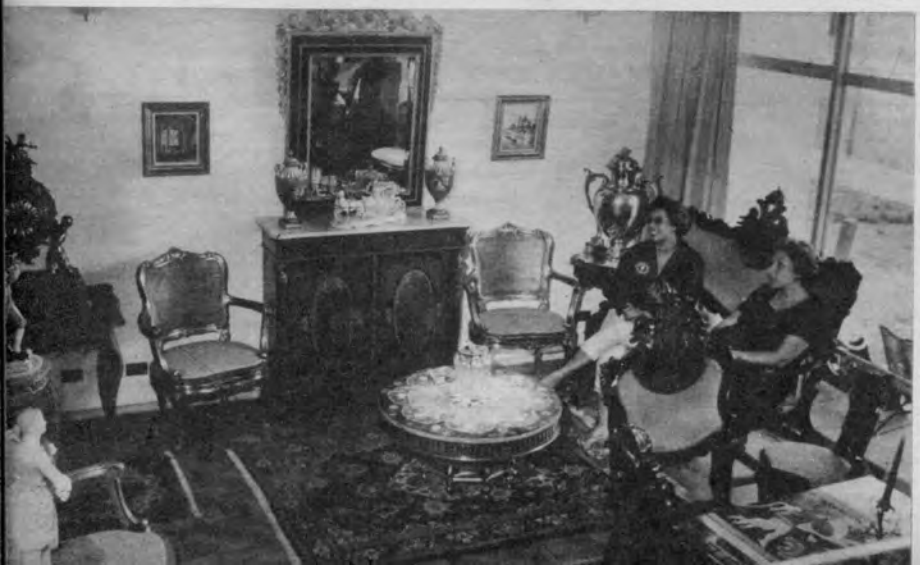
A NOVA CAPITAL foi criticada, duramente, por deputados, a partir das dificuldades dos primeiros momentos. O problema, porém, vai deixando de existir.



O PRÓPRIO POVO, como esta família (uma das primeiras a chegar ao Planalto), obtém apartamentos confortáveis para morar. Estão, realmente, bem servidos.



AINDA subsistem alguns problemas para as donas-de-casa. Mas não o de alojamento. Morar em Brasília, para os que estão lá, constitui de fato um prazer.



Aparecem as “condições

LOCAL: Praça dos 3 Podéres, na cidade de Brasília. Sol às pampas, servido com poeira e vento. E certas nuvens altas no planalto. Personagens: um engenheiro, candango desde 1956, e uma funcionária federal, recém-acampada num apartamento dos Institutos. Ela:

— Vou dar um jeito para fugir daqui. O meu apartamento é uma tragédia. A luz apaga até 3 vezes por noite. A água falta nos instantes mais inoportunos. Não há transportes. Não sirvo para viver na roça. Não tenho vocação para pioneira. Quero terminar meus dias no Rio. Não consigo viver além de Copacabana.

Ele:

— O Rio, madame, não tem moral para falar mal de Brasília. O Rio tem problemas de cabelos brancos. O das favelas. O das chuvas que deixam a cidade com água pela cintura. O da falta secular de água nos canos dos bairros mais ilustres. O do trânsito que estrangula a cidade. O do abastecimento. O de saúde. E os outros que a senhora conhece. Entretanto, o Rio foi Capital do Império e da República, de D. João VI até JK. E ninguém usou argumentos da precária habitabilidade do Rio, no sentido do despejo do DF. E Brasília, que está saindo das fraldas, tem problemas frescos. Falhas de juventude. E como está crescendo ligeiro, é claro que superará, com mais alguns meses, os seus senões de idade. Não se esqueça de que Brasília é caçula.

— O senhor deve ser paulista, mineiro ou goiano, para falar deste jeito.

— Não senhora. Sou mesmo de Madureira, torcedor do Flamengo, graças a Ogum. Mas acredito nisto aqui.

EM SEU APARTAMENTO, o Ministro Odílio Denys (Guerra) descansa num elegante sofá aerodinâmico. Os interiores de Brasília são modernos e bonitos.



de habitabilidade...”

Ser ou não ser, eis a questão, que é também lugar-comum de origem nobre. Que é realmente Brasília? Funciona ou não o recém-empossado DF, entre a grita dos reclamistas e o hurra dos mudancistas. Como se vive em Brasília? Que se faz nos 300 km de asfalto, que enrodilham a joalheria de concreto concebida pelo caboclo Niemeyer? Pois estas netas pretendem ser o eco dessas indagações nacionais. E vamos começar a nossa marcha de cifras insubornáveis, falando de gente. A gente de Brasília, que, como a do Rio, tem todas as naturalidades, até mesmo alguns nascimentos *in loco*. Mais de 60% do formigueiro do planalto são candangos, termo hoje sem jaça. O restante são funcionários do Governo, de firmas particulares e da população avulsa, que circula entre a Cidade Livre, com data marcada para a grande fogueira, e o Plano Piloto, que é Brasília em si. 80% dos candangos são nordestinos. Povo que a seca escorraçou de roças enxutas. 10% são mineiros e os outros por centos de todo o Brasil. Trabalham de 14 a 16 horas por dia, na construção dos degraus rumo ao futuro. Largaram os cabos de enxada e aprenderam, de um dia para o outro, a movimentar máquinas complicadas e a transformar cimento em beleza. Os mais humildes ganham 17 cruzeiros por hora. E, com todos os gastos, juntam cerca de 4 mil cruzeiros por mês. Quando enchem o pé-de-mela ou voltam para os Ceará, ou se fixam em Planaltina, Taquatinga ou Sobradinho, nas bordas de Brasília, onde o Governo facilita lotes a candangos de bons antecedentes. Os mais hábeis percebem 21 cruzeiros por hora. Os mestres-de-obras, de 70 a 120. Os engenheiros um pouco mais, principalmente os da Novacap,



OS AMPLOS janelões envidraçados (na foto, a esposa e a filha do Dep. José Bonifácio) foram, de logo, apelidados pelo povo como “televisão de candango”.



A Capital administra



ISRAEL PINHEIRO, o primeiro Prefeito da nova Capital, foi o seu construtor durante os três anos em que, do Planalto, nasceu a cidade. Recebe abraços.

alguns dos quais fazem biscate em construções particulares. Os funcionários públicos de Brasília trabalham em ritmo de esforço de guerra. Não existe lá a instituição carioca da *maria-candelária*. Principalmente agora, neste comêço de jornada. Haja vista o pessoal do Grupo de Trabalho, que emenda o dia com a noite, no afã de alojar o funcionalismo. Mas apenas estavam em Brasília, há uma semana, 10% dos servidores públicos da União. Pois dos 600 milhões da fôlha mensal de pagamento do funcionalismo, vão para Brasília somente 60 milhões. Os vencimentos chegam, às vêzes, a dobrar. É um recurso para acalmar os nervos dos reclamistas. Como o foi o milhão que amaciou alguns dos deputados mais ranhetas. Há ainda em Brasília uma legião de aventureiros. Um *filet* da natureza humana que anda de nariz para o ar, à cata de bons negócios. Foram eles que dispararam a especulação imobiliária: terreno, lá, vale o quanto pesa, exagerando. Mas tudo isso vai por conta dos 100 km horários da cidade. São os ossos do pioneirismo, em Brasília, como em todo o planêta. Só há vigarismo onde há progresso, já dizia, da rampa de sua autoridade, o proprietário do bar-buete "Chez-Willy", que é um dos mais famosos papa-abobrinhas do debutante DF.

AQUI um deputado, lá um senador, mais além um ministro — tudo ao alcance de um *alô*, como vai passando? Precisamente isto: Brasília deu traje de verão à República. A gente vive de parede-e-meia com os figurões, que se despiram da pose convencional. Brasília democratizou as hierarquias. Ministros e senadores, os mais altos picos da República, foram cardápio de presenças nos poucos bares e nas duas buates caprichadas da cidade: a do Brasília Pálace Hotel e a Macumba, ambas com ares de Av. Atlântica. Prodigalizam — é o termo — a generosidade de suas andanças sem escolta. Misturam-se com o *society* local, sem mais aquela. Circulam, alguns *acandangados*, pelos lugares de maior freqüência. E sentem, como os outros, o desconforto de uma cidade que se forma, crua em alguns aspectos, mas habitável, com um mínimo de boa-vontade. No bloco 5, do IAPETC, que, como os demais, estará concluído dentro de dois meses, moram personalidades como o Marechal Odylio Denys, Ministro da Guerra; Deputado Ranieri Mazzilli, presidente da Câmara dos Deputados; Almirante Amaral Peixoto, Ministro da Viação e Obras Públicas; Deputado José Bonifácio, 1.º-secretário da Câmara; Senadores Coimbra Bueno e Etelvino Lins e outras nomenclaturas do Congresso Nacional. No bloco 11, ainda do IAPETC, há generais e parlamentares morando ao lado de motoristas, contínuos e porteiros, em apartamentos iguais. O concreto de Brasília socializou gordos e magros no planalto. E todos acendem velas quando a luz apaga. E fecham as janelas para que a poeira não cubra os móveis. Ou esperam, pacientes (é verdade que poucos reclamam!!!), a água voltar à bica. Os apartamentos estão sem lustres, muitos sem aquecedores, persianas e demais pequenos-nadas da funcionalidade moderna. Alguns precisam de enceradeiras com urgência.



O MINISTRO Horácio Lafer, dos Negócios Exteriores, recebe em seu sóbrio e elegante gabinete. Brasília é ponto de referência para o mundo diplomático.



OS NEGÓCIOS do Ministério da Fazenda são resolvidos na nova Capital. O acôrdo comercial com a Rússia (café) foi uma das primeiras decisões em Brasília.



FERNANDO NÓBREGA, Ministro da Agricultura, chega ao Palácio da Alvorada. Abaixo, Clóvis Salgado, Ministro da Educação, reúne auxiliares. Local: Brasília.





O MINISTRO Mário Pinotti, da Saúde, trabalha até a noitinha, todos os dias. Chegando a Brasília quando grandes problemas sanitários ainda a afligem, a equipe de seu Ministério não descansou um só instante. A meta a atingir é a da completa salubridade no Planalto. Na foto, Mário Pinotti com os seus auxiliares imediatos.



O MAJOR-BRIGADEIRO Francisco de Mello (Ministro da Aeronáutica) mudou-se para Brasília com seu gabinete completo. Hoje, despacha normalmente do Planalto. É mais uma prova de que a mudança foi feita. Embora o número de funcionários localizados na nova Capital ainda seja pequeno, as decisões já partem de lá.



ODYLIO DENYS, Ministro da Guerra, e Armando Falcão, Ministro da Justiça, se encontram despachando no novo Distrito Federal. Não se pensa mais em termos de Rio de Janeiro para governar o País. Brasília pulsa como o coração da nacionalidade. Um coração jovem, otimista e sobretudo confiante no futuro do Brasil.





Antes arquitetura agora uma cidade

MILHÕES para os guichês do
Banco do Brasil de Brasília.
Cidade nova, dinheiro novo.

Muitos são iluminados com instalações de emergência, e daí os curtos frequentes, que estancam os elevadores. Os dos Ministérios não só param, como emudecem, já que falam, por obra da eletrônica, exclamando os andares e fazendo recomendações de segurança. São os supertráfegos já em moda em certos edifícios de Nova York. Os arranjos provisórios da rede elétrica, que também iluminam algumas ruas auxiliares, serão cedo substituídos por instalações definitivas. Em Brasília tudo se transforma, para melhor, da noite para o dia. Os tempos de verbo são lá conjugados com os olhos no ponteiro do relógio. A Novacap explica que linhas aéreas de 390 km, partindo da Cachoeira Dourada (que servem também a Goiânia e Anápolis), descarregam 28 mil kw em Brasília. Até setembro, uma termoeletrônica reforçará esse suprimento com mais 13 mil kw. E em 1961, que está pertinho, a usina de Paranoá movimentará mais dois geradores, cada um com capacidade para 10 mil kw. A soma disto é mais que suficiente para fazer de Brasília um dia noturno. E por muitos anos. Portanto, o pisca-pisca dos apartamentos não é para assustar ninguém. É problema que durará, se tanto, mais dois meses. E quanto à falta eventual de água, esta se explica pelo excesso e forte pressão do líquido nos canos. A força da água é tamanha que rompe os condutos. Brasília, com sua população presumível de 110 mil empoeirados, tem água para mais de meio milhão de baleias. Possui 4 reservatórios de 15 milhões de litros, cada, sem falar nos projetados. Duas bombas sugam 700 litros por segundo. A água que vem do Ribeirão Torto é da ordem de 400 litros diários por pessoa, quota 3 ou 4 vezes superior a que recebe o carioca do bairro que não é seco.

APRESENTAMOS aos leitores 3 casais: Carlos Henrique Pôrto e Lourdes Pôrto, Jorge Ferreira e Ilka Ribeiro e os Noronha Santos. Eles são veteranos do planalto. Lá chegaram quando a poeira dominava tudo. Não havia então asfalto. Era o maior movimento de terra do mundo. E terra vermelha, pulverizada, que parecia entrar pelos poros. Chegaram a Brasília quando Brasília era um nome, uma intenção. Um sonho mapeado pelo Presidente. Eles deporão aqui. Na casa popular de Ilka comem 7 pessoas. E ela gasta, com alimentação (e comendo bem, iguarias razoáveis), de 13 a 15 mil cruzeiros, por mês. Ilka e Jorge moram em casa popular. São: uma sala, 3 quartos, varanda, banheiro, cozinha, despensa e uma área nos fundos. O aluguel é de Cr\$ 1.900,00. Leiam bem: mil e novecentos cruzeiros. Os Pôrto moram em casa maior e pagam um pouco mais. Idem os Noronha. Vejam os problemas que eles enumeraram. O do transporte. Um ônibus dá espera entre 15 minutos a uma hora. E como as distâncias em Brasília são grandes — daí ser ela a cidade dos espaços — o melhor é possuir mesmo condução própria. Nem que seja bicicleta. A saudade dos amigos do Rio é problema no coração deles. Mas o

espaço das ausências queridas está sendo ocupado pelas amizades locais. Em Brasília a sociedade se junta em família. Visitas noturnas se fazem rotina. Há uma escala para visitar fulano ou beltrano. E o buraco, o uísque, o jantar, fazem parte do programa. Eles reclamam a dificuldade em encontrar empregada. E as madames se queixam da ainda ausente casa de modas, como de cabeleireiros e manicuras exímios. Quando não vão ao cinema nas cantinas dos Institutos, de telas para 35 mm, assistem às estréias diárias no grande cine (ainda por terminar) de Severiano Ribeiro: cerca de 1500 cadeiras, num exagerado plano inclinado. Além das duas buates citadas — e que podem mesmo usar esse nome — os casais optam pela Tv, enriquecida com o *video-tape*. Ou vão dançar nos clubes particulares. Os maridos também jogam bridge e assistem em campo sem grama a partidas de futebol. O Flamengo do planalto é o Guará, o primeiro dos 19 times locais. É razoável. Basta dizer que perdeu para o Bangu só de 3 a zero. Em relação há dois anos atrás, quando divertimento em Brasília chegava a ser chegada de avião, a cidade, hoje, é um canteiro de diversões. Para as crianças, inclusive. Os *playgrounds* rebentam nos fundos da casa, em zona onde o trânsito é proibido. E por falar em crianças é bom saber que Brasília é remédio. Os nossos entrevistados acentuam a saúde dos filhos. Nem mesmo resfriado preocupa os pais dos traquinas que brincam com barro nas áreas intermediárias dos edifícios. Aliás, estas áreas já começam a ser ajardinadas. Isto será pá-de-cal no reino da poeira. Não há problemas de escolas, nem de hospitais. Os telefones já estão sendo ligados. E sem o suplicio chinês das filas. A alimentação é fácil e até barata, num cotejo com Rio e S. Paulo. Vejam este quadro de preços, por exemplo: feijão a 60, o quilo; arroz, 36; massas de 24 a 36, o pacote; ovos, a 61, a dúzia; batata, a 24; cebola, 57; charque, 160; alho, 56; banha, 140 e carne fresca tem de 50, 85, 95, 100 e 110 o filé-mignon. O pacote de café está a 21,50. A maçã a 65, o quilo. A cenoura a 40 e o repolho a 14,50. Custa 24 cruzeiros a dúzia da laranja. O tomate, 35, o quilo. O pepino a 29 cruzeiros. E os enlatados regulam o mesmo que no Rio. O leite em pó é mais barato, como os óleos vegetais. Mas isto no supermercado da Novacap, isento de impostos. No mercado da Cidade Livre, os preços são mais altos. O supermercado, que tem 4 postos de venda no Plano Piloto, vendeu exatamente Cr\$ 913.256,70 no dia 26 de abril, a sua maior fêria. Vende hoje cerca de 30 milhões de cruzeiros mensais. E tem quase 50 milhões em mercadorias estocadas. Em Brasília, os Institutos construíram 3 tipos de apartamentos. O chamado JK é o menor: janela e "kitchenette". Seu aluguel é de 5 mil cruzeiros. Segue-se o de 3 quartos, quarto de empregada, área com tanque, sala de visitas conjugada com a de jantar, cozinha e copa e cujo aluguel é de 7500 cruzeiros. O maior de todos — só inferior aos enormes do Banco do Brasil — tem 4 quartos e mais o de empregada. Dois banheiros sociais e muitas subdivisões funcionais. O seu aluguel é de 15 mil cruzeiros. Observem que os ocupantes dos apartamentos só pagam a metade do aluguel. A outra quem o faz é o Governo. O IAPETC já construiu 11 blocos, com 475 desses apartamentos. E idem os outros Institutos. Mais 11 blocos serão lançados por cada uma autarquia de previdência social. As casas da Caixa Econômica são ótimas. Os mais altos aluguéis não chegam a 10 mil cruzeiros. Possuem andar superior, para dormitório. E inferior, com salas, cozinha e quintal. Por enquanto, não é possível alugar apartamentos particulares em Brasília. Pois só há 3 meses foi que o Governo deu chance à iniciativa privada. E esta, apesar de andar depressa, ainda não aprontou conjuntos residenciais, nem edifícios. Mas já anuncia apartamentos para vender. Na base de comprar na planta ou em meio de construção. Os preços são semelhantes aos do Rio. E, em certas zonas, mais caros que em Copacabana. Na península do lago, por exemplo. Este capítulo não seria bem encerrado se não escrevêssemos sobre os cinco mais e as cinco mais da cidade. Brasília, que não tem complexo de inferioridade, não escolhe os 10 mais. Fica mesmo nos 50% de elegantes, em comparação aos do Rio e S. Paulo. E quem nos dá a lista é uma cronista social da Tv de Brasília. São elas: Sras. Antônio Clapoline, Pedro Gabrieli, Antônio Almeida Brandão, Vasconcelos Costa e Carlos Pôrto. E são eles: Presidente JK, Maximiliano Eilred, Marco Paulo Rabelo, Ernesto Silva e Enezil Pena Marinho. O primeiro time da passarela social de Brasília desaprovou "as mentiras de certo cronista social do Rio", que escreveu horrores sobre a recepção de casaca no Palácio do



MARIA TEREZA, Adahil, Ana Maria e Mirtes são moças de Brasília. Têm cinema, buates e passeios na Cidade Livre para divertir-se. Acham que a nova Capital é o Paraíso da moça solteira: Santo Antônio está morando lá.



PLENÁRIO da Câmara dos Deputados. A sobriedade e elegância das linhas são logo destacadas. Visitantes acham parecido com as instalações da ONU, em New York.

Planalto, quando da inauguração da cidade. Oração de desabafo: "Não só o estilo foi péssimo, como o recheio das notas foi falso".

◆ Há também o aspecto mais importante da funcionalidade administrativa em Brasília. Pois os 10% do funcionalismo que já assinam ponto na nova Capital são realmente a cúpula. O Marechal Odylio Denys, trabalhando atualmente num 4.º andar provisório, está satisfeito com as suas instalações. De lá dirige o seu Exército, auxiliado por 42 oficiais e sargentos. Também está contente com o seu apartamento e com os móveis que recebeu. ◆ O Ministro Sebastião Paes de Almeida (Fazenda) está em plena ação. Foi em Brasília que ele se reuniu com a SUMOC, para resolver o caso das relações comerciais (café) com a Rússia. ◆ Já funciona o Banco do Brasil, que começou, lá, com 200 milhões em caixa. ◆ Até mesmo o Imposto de Renda está em ação, em vias de concluir o levantamento do cadastro do DF. ◆ A Alfândega já apreendeu várias caixas de "whisky" contrabandeadas do Pará, através da Belém — Brasília. ◆ O Banco do Brasil, cujo edifício-sede tem uma área de construção de 50 000 metros quadrados, vai inaugurar, em conexão com o Tesouro Nacional, um sistema revolucionário de pagamento. Os vencimentos do funcionalismo serão depositados no Banco. E é só o funcionário usar o talão de cheque. Isto acabará com as filas nos guichês da tesouraria ministerial. ◆ O Major-Brigadeiro Francisco de Melo (Aeronáutica) despacha normalmente no novo DF. Não se queixou de nada. Opera com o seu Gabinete completo. ◆ 57 funcionários imediatos formam a equipe pioneira do Ministro Armando Falcão (Justiça). ◆ Aliás, o número de funcionários cresce cada dia, à medida que o Grupo de Trabalho entrega os apartamentos, em condições mínimas de habitabilidade. O Ministro está providenciando a imediata remoção, do Rio para o Planalto, da sua Divisão de Orçamento e do Departamento de Administração. ◆ Comissões especiais já estão organizando a Polícia Civil e a Militar, Trânsito e Bombeiros. ◆ Está também iminente a nomeação de desembargadores e juizes para Brasília, para instalação da Justiça comum e, posteriormente, da Eleitoral. ◆ O Supremo Tribunal Federal ainda é um palácio que imita um cisne. Sua instalação, marcada para o dia 10 de maio, teve de ser adiada. Como aconteceu com o Senado, em vésperas de inauguração. ◆ Um dos mais operosos Ministros é o Sr. Mário Pinotti (Saúde). Trabalha até a noite. ◆ Um dos mais importantes departamentos desse Ministério, o das Endemias Rurais, deu-nos oportunos subsídios sobre o planalto. Assim é que soubemos, com base no levantamento epidemiológico feito pelo DNERu, que não existem endemias no planalto, que ondula suave entre 800 e 1 150 metros sobre o nível do mar. Os chamados vetores — anofelinos transmissores de doenças — simplesmente não zumbem nem em Brasília, nem em suas cercanias. Não existem lá o *culex*, nem caramujo, nem representantes da família dos *barbeiros*. Só há no planalto carência de iodo. E daí o bócio endêmico, que o sal iodado, fartamente consumido nas cozinhas, neutraliza. É evidente que os que correram para Brasília levaram doenças de seus lugares. Mas o DNERu, tratou candango por candango. Basta dizer que estes só conseguem trabalho mediante ficha médica. Luziânia, Planaltina e Formosa, como outras cidades satélites de Brasília, também foram fichadas pelo Ministério da Saúde. Ninguém esqueceu Ninguém. Apressamo-nos a desmentir um boato, com assessoria do Doutor Átila Gomes de Carvalho, diretor do DNERu, e responsável por essas informações sanitárias. É que o lago da cidade não está contaminado de nada. É salubre e é um bom programa de banho a sol quente. "Eu mesmo nado naquelas águas mansas." ◆ Ministro Horácio Lafer despacha tranqüilo com os embaixadores de quase todo o Mundo. Com o de Portugal,

tratou da próxima viagem de JK a Lisboa e arredores. O seu, será o único Ministério não padronizado. Imitará o Itamarati do planalto as linhas dos palácios do Executivo. Será um palácio de casaca e cartola, sim senhores. ◆ O Ministério da Educação (Ministro Clóvis Salgado) trata da Universidade de Brasília. O titular da Pasta vai despachando normalmente. ◆ O da Marinha é o Ministro mais fã da cidade. Fala de Brasília para os vasos de guerra em alto mar. ◆ O da Viação (Almirante Amaral Peixoto) está convicto de sua qualidade de pioneiro. Não reclama nada. E notem que ele já subiu muitas vezes os degraus para o seu sexto andar, em consequência de enguio nos elevadores. ◆ O Sr. Fernando Nóbrega (Agricultura) vai tocando para frente. ◆ É fato que os edifícios dos Ministérios só estarão em plena funcionalidade em setembro. Os Gabinetes são improvisados. Mas atendem à intenção de comando da República. ◆ O próprio JK, quando despacha no Palácio do Planalto, sente que falta pouca coisa a retocar. Faltam lençóis na cama, lustres nos sanitários e uma mesinha para colocar o telefone. 12 de setembro (e quando JK promete não é bom duvidar) Brasília funcionará em toda a linha. Dará os 100% de rendimento administrativo. E tudo dentro de um clima temperado, onde calor e frio fazem uma dupla saudável.

EM matéria de Brasília, o barulho das palmas sufoca a claque das valas. E essa verdade é maior quando se trata de opinião de deputados. O argumento contra os que vão pode ser escutado em qualquer esquina. É mais ou menos assim: "Ora, deputado é homem público de representação popular. Deve ser a síntese dos sentimentos dos eleitores, na maioria gente pobre, os indigentes do Brasil. Gente que preferia ter nascido caracol, como solução para o problema do teto. Como então entendem eles de reclamar contra detalhes pequenos de habitabilidade?" Acham ainda que os problemas nacionais (e cariocas) sempre existiram com ou sem Brasília. E vai por aí a advocacia dos pró-Brasília. Pois bem, iremos às frases curtas dos deputados: os que atacam de rijo, os que defendem com entusiasmo ou por linha partidária.

◆ Adauto Lúcio Cardoso: "Brasília é um monumento ao desatino de JK".

◆ Etelvino Lins: "Brasília livrou os brasileiros de um complexo de inferioridade".

◆ Mário Martins: "Apelo para que JK não fuja para a Europa. Que ele fique em Brasília, sofrendo conosco".

◆ Nelson Carneiro: "Brasília é um estímulo ao interior, que não pode continuar como penitenciária agrícola".

◆ José Bonifácio: "A Câmara não está funcionando bem. Dos seus 700 funcionários só 200 podem ser instalados debaixo das cuias de Niemeyer. E os anexos não estão prontos".

◆ San Tiago Dantas: "A rotina, a esterilidade, a protelação estão em xeque com o que já se sente ser o espírito de Brasília".

◆ Armando Carneiro: "Com toda falta de conforto, Brasília merece o melhor sentimento de brasilidade".

◆ Meneses Côrtes: "É pena que mudança tenha sido realmente simbólica. Aguardo o inquérito parlamentar contra a Novacap".

◆ Adalberto Vale: "Brasília é poema de cimento, além de ser a segunda etapa do descobrimento do Brasil".

◆ Oscar Correia: "Brasília começa com o chorrilho de erro por que acabou o Rio de Janeiro".

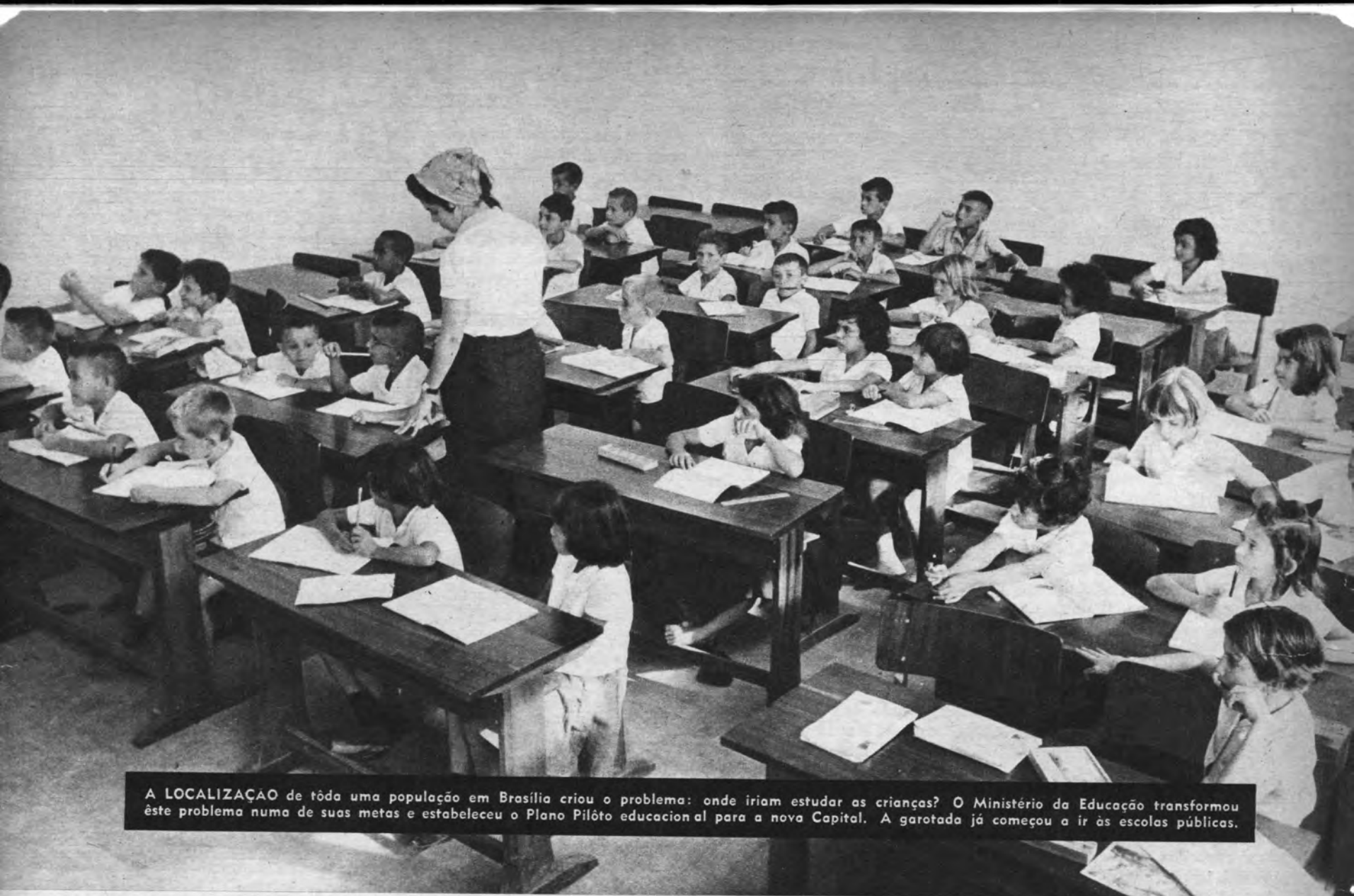
◆ Emival Calado: "Brasília é o início de um processo revolucionário de nossa infra-estrutura".

◆ João Agripino: "Brasília custa a fome e a miséria dos humildes vítimas da inflação".

◆ Océlio Medeiros: "Devemos ser tolerantes com os primeiros dias de Brasília".

Assim é Brasília no palco do comadrisso político-partidário. Para uns, o abismo sem fundo das finanças nacionais; para outros, o encontro marcado com um destino histórico. Mas navegando em mar calmo ou revólto ela brilha no planalto, como a vedeta da Federação. Sociólogos de vista longa dizem que a História do Brasil recebeu, com Brasília, um capítulo novo. Ela dividirá o Brasil de ontem do de hoje. E continuará, sem dúvida, como Capital terceira e última.

PS: Aliás, os circuitos telefônicos de micro-ondas Rio — Brasília estavam ontem interrompidos.



A LOCALIZAÇÃO de toda uma população em Brasília criou o problema: onde iriam estudar as crianças? O Ministério da Educação transformou este problema numa de suas metas e estabeleceu o Plano Piloto educacional para a nova Capital. A garotada já começou a ir às escolas públicas.



BRASÍLIA, passados os primeiros momentos de agitação e de festas, é um lugar tranquilo e agradável para morar. Planejada para funcionar como uma cidade humana, tem recantos em que se pode, como a moça da foto, "matar o tempo" com instantes de repouso sob guarda-sóis coloridos.



O ABASTECIMENTO foi uma das primeiras preocupações da Novacap. Muito embora, na Cidade Livre, a iniciativa privada tratasse de provê-lo, a administração de Brasília cuidou, também, de instalar um mercado completo para atender às múltiplas necessidades da população, a preços acessíveis.



RESTAURANTES de todo tipo procuram resolver o problema da alimentação para os que não comem em casa. São também pontos de reunião em que as novidades são trocadas entre amigos e lugares onde se fazem amizades. Entre um expediente e outro, Brasília marca ali encontro coletivo.

CONTINUA



Brasília agora é quem dá as ordens

O PRESIDENTE KUBITSCHKE, que determinou data para a transferência da Capital e a transferiu no dia marcado, despacha do Planalto. Brasília está funcionando como a sede do Governo Brasileiro. A mudança não foi apenas simbólica. Enfrentando mil problemas e incompreensões, o Pres. da República mudou-se definitivamente e de fato. Quem manda no Brasil agora é Brasília.